

UMA TESE DE TUPI ANTIGO I

Eduardo Tuffani (UFF e ABRAFIL)³⁷

Navarro, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo. cxi + 436 p. Tese de livre-docência, 2006.

RESUMO

Esta resenha trata de uma tese que consiste num *Dicionário de tupi antigo* (ou tupinambá), de Eduardo Navarro (de 2006 pela USP). Considera-se relevante escrever o texto porque, em se falando de tupi antigo, permanecem questões a serem esclarecidas já que a tupinologia, durante muito tempo, não foi norteadada pelo conhecimento científico.

A tupinologia só assumiu um caráter científico a partir dos anos 30 do século XX. Foi então que alguns estudiosos passaram a se destacar pelas suas contribuições nesse ramo do conhecimento. Não vou aqui arrolar esses pesquisadores, mas não posso deixar de mencionar, num primeiro momento, os professores Frederico Edelweiss e Aryon Dall’Igna Rodrigues, este último entre nós em plena atividade. Nas últimas décadas, o tupi antigo ou tupinambá não foi tão estudado como até os anos 70 do século passado. É por essa razão que a oportunidade de discorrer sobre um trabalho, uma tese de tupi antigo, requer mais tempo no meio acadêmico.

Em primeiro lugar, deve-se esclarecer sobre a natureza do trabalho a ser tratado: é a tese de livre-docência defendida por Navarro na U-

³⁷ Professor Associado do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense: etuffani@vm.uff.br

niversidade de São Paulo (2006). Isto deve ficar claro, pois Navarro mantém há vários anos, em seu *Currículo Lattes*, esse trabalho como livro publicado,³⁸ o que até o início da redação deste texto, 31 de janeiro de 2011, não se justifica, uma vez que, até esta data, o livro não foi publicado.³⁹ Compreendo que Navarro queira divulgar o seu trabalho e que deva fazê-lo, mas não é recomendável dar como publicado um livro que ainda não foi posto à disposição do público. Esse livro pode vir a ser publicado durante a feitura e a publicação deste texto, mas é fato consumado que permaneceu durante anos equivocadamente no *Currículo* de Navarro.

Conheci Navarro há muitos anos. É um homem culto, inteligente, cultor do vernáculo e de outros idiomas, tendo um mérito que ninguém lhe tira: exemplo da autoeducação, estudou muito o tupi antigo pelo manual do Pe. Antônio Lemos Barbosa (1956), estudou a ponto de traduzir de forma satisfatória textos quinhentistas e seiscentistas do tupi antigo ou tupinambá. Para bem desempenhar suas atividades, no entanto, seria bom que Navarro estudasse mais a fundo e desse ao seu trabalho um cunho mais científico. Isto vai ficar mais claro ao longo desta resenha de tese acadêmica. Como exemplo do que foi afirmado, informo que Navarro alterou o título de sua tese de doutorado após a defesa do trabalho, o que é inusitado (1995 a e b). Se não estou equivocado, a alteração foi feita por ocasião do quarto centenário da morte de José de Anchieta. Todos aprendemos errando. Muitos de nós fizemos erratas para os nossos primeiros trabalhos. Navarro, porém, toma atitudes que causam estranheza. Sobre Lemos Barbosa e seu *Curso de Tupi Antigo*, afirmou: “Omitiu, ademais, de sua obra, textos fundamentais para o estudo dessa língua, como os de Léry [...]” (1998, p. xi). Isto não é verdade, pois Lemos Barbosa usou e citou Jean de Léry direta e indiretamente (1956, p. 74, 96, 97, 105, 362 e 446). Mais exemplos serão dados ao longo desta resenha quando forem pertinentes.

³⁸ NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de tupi antigo: a língua brasileira de nossas origens*. Petrópolis: Vozes, 2001. A editora afirmou nunca ter publicado tal livro. Na “Bibliografia” da tese, p. cviii, Navarro apresenta esse título como trabalho inédito! Durante muito tempo figurou no *Currículo* de Navarro como livro publicado (2009).

³⁹ _____. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2009. É assim que vem atualmente no *Currículo* de Navarro (2011). Isto tudo é desconcertante porque, ao ser indagado sobre o livro, sou obrigado a dizer que ele ainda não saiu e que se encontra no prelo há quase uma década.

A tese é constituída pelo “Dicionário de tupi antigo” (436 p.) e por um longo texto com “Introdução”, desenvolvimento em vários tópicos, “Conclusões” e “Bibliografia” (cxi p.). A exemplo do *Método Moderno de Tupi Antigo*, são numerosas as incorreções, e vale lembrar que o MMTA está na sua terceira edição (2005). Um exame profundo e exaustivo da tese demandaria um tempo considerável, tempo de que não disponho no momento. Assim sendo, intitulei o texto “Uma tese de tupi antigo I”, deixando para outra ocasião o exame do dicionário propriamente dito, que aqui será tratado nos seus pontos principais. Também seria interessante que um especialista fizesse uma crítica serena e construtiva para que se reelaborasse o “Dicionário” à luz da filologia e da linguística.

Como são vários os pontos a serem tratados nas cxi p., decidi levantá-los, seguindo o texto desde o seu início. Logo na primeira página,⁴⁰ folha de rosto, chama a atenção o subtítulo da tese “a língua indígena clássica do Brasil”. Na p. vi, Navarro compara o tupi antigo com o náuatle, o quéchua e o guarani antigo. Por razões culturais e históricas, a comparação até se entende, mas o tupi antigo não foi tão estudado como esses três idiomas, muito menos se manteve como língua viva por largo tempo após a colonização. O tupi antigo persistiu com mais evidência em São Vicente e no Maranhão. A língua falada, porém, logo evoluiu para a língua geral, ou melhor, línguas gerais, no sul e no norte da Colônia. No século XVIII, o tupi antigo caminhava para uma língua morta, e o seu aprendizado estava comprometido, chegando a ser língua quase intraduzível no século XIX.

O “Índice” que vai da p. iii à p. v deve seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas, sobretudo na numeração das seções primárias, secundárias, terciárias, etc. (1978 [1964], p. 31-32). Pelas normas da ABNT, não se usa “índice” por “sumário”, como faz Navarro (1978 [1964], p. 43).

Na “Introdução”, p. vi, Navarro vincula o tupi antigo ao Romanismo e ao Modernismo. Com efeito, houve tentativa nesse sentido, mas o tupi antigo só foi “decifrado” a partir dos anos 30 do século XX. Os escritores e os estudiosos anteriores, em sua quase totalidade, confundiam o tupi antigo com o guarani antigo e, sobretudo, com o nheengatu ou tupi moderno. O tupi antigo foi “ressuscitado” porque era letra morta, seus

⁴⁰ Apesar de ser uma tese, e não um livro, não faço uso de “folha”, mas de “página”.

textos eram quase incompreensíveis (ver nota 19 deste texto). Na mesma página, Navarro afirma que o tupi antigo “é a língua indígena brasileira mais bem conhecida”. A língua que tem esse *status* é o guarani antigo, que também foi uma língua indígena brasileira. O guarani antigo se beneficiou de uma ortografia mais precisa e foi mais bem descrito tanto em gramáticas quanto em dicionários.

Nas p. vii e viii, Navarro arrola dicionários de tupi antigo, mas parece ignorar o de Moacyr Ribeiro de Carvalho (1987), o que causa espécie, porque, apesar de suas limitações, é superior a alguns citados nessa tese que é também um dicionário. Tal falta não se justifica num trabalho dessa natureza.

Em “Os estudos de tupi antigo e a crítica estruturalista”, p. ix, Navarro cita o Prof. Mansur Guérios à frente da cadeira de etnografia e língua tupi da Universidade do Paraná. Na p. xiii, diz que tal cadeira se extinguiu nos anos 90. Segundo comunicação pessoal feita pelo Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, paranaense, discípulo de Rosário Farâni Mansur Guérios, tal cadeira nunca existiu na atual Universidade Federal do Paraná.

Na p. xi, Navarro alude ao início do curso de tupi no Colégio da Bahia em 1556, cujo primeiro professor teria sido Luís da Grã. O primeiro professor foi Antônio Rodrigues (EDELWEISS, 1969 a, p. 74), e, nessa ocasião, Luís da Grã se encontrava na capitania de São Vicente (CARDOSO, 1992, p. 26-27).

Na p. xiii, Navarro diz: “Mesmo Aryon Rodrigues faz extrapolações que não encontram amparo nos autores quinhentistas e seiscentistas.” Se tomarmos os trabalhos dos tupinólogos que se destacaram no século XX, veremos que vários deles erraram e se corrigiram: é assim que a ciência progride. Gostaria que Navarro expusesse as extrapolações do Prof. Rodrigues porque as de Navarro são suficientes para uma quarta edição do *Método Moderno de Tupi Antigo*. A afirmação de Navarro causa surpresa, pois foi o Prof. Rodrigues que pacientemente orientou Navarro para que o seu trabalho tivesse um caráter mais científico, sobretudo auxiliado pela linguística moderna. O MMTA foi elaborado com base no *Curso* de Lemos Barbosa. Lembro-me da sua primeira versão, em formato de apostila, encaminhada ao Prof. Rodrigues, desprovida das correções do próprio Lemos Barbosa (1970, p. 224-228). Navarro, entretanto, não assimilou todos os ensinamentos que lhe foram feitos pelo Prof. Rodrigues.

Ao tratar de tupinismos, p. xiv, Navarro cita “ficar com nhenhém, ficar jururu, ir para a cucuia, chorar as pitangas, etc.”. Certos termos e expressões devem ser evitados pelos tupinólogos, pois possuem etimologias ainda não esclarecidas: é o caso de “nhenhém” e “jururu”. Na mesma página, entre outras palavras, Navarro arrola “pirão”, de origem tupi ou africana, mais provavelmente tupi (Houaiss & Villar 2008 [2001], p. 2223), que, no MMTA, por equívoco, afirma proceder de “pirá”... (1998, p. 546). Também no MMTA apresenta “SAPOTI”⁴¹ como tupinismo (1998, p. 292; 2005, p. 246), quando o termo nem sequer é de origem tupi, mas náuatle (HOUAISS & VILLAR, 2008 [2001], p. 2518). O cúmulo das falsas etimologias cabe a “Ipanema”, “upá-nema ‘lago fedorento’” da quinta lição do MMTA (1998, p. 61-62; 2005, p. 70-71). Segundo Navarro, assim se chamava a lagoa Rodrigo de Freitas (1998, p. 62), mas a lagoa nunca teve essa denominação. A Vila Ipanema era uma homenagem ao Barão de Ipanema, daí o nome do bairro: o topônimo tem sua origem na região de Sorocaba, *Ypanema*,⁴² já que de lá veio o homenageado.

Nas p. xx e xxi, a propósito de Antonio Ruiz de Montoya, Navarro diz: “[...] escreveu o *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani (o más bien, Tupi)*, como que identificando o guarani ao tupi ou, ao menos, apresentando-lhes as semelhanças.” Fico perplexo porque, como se sabe, “Ó MAS BIEN TUPI” é um acréscimo do editor, Francisco Adolfo de Varnhagen, na edição de 1876 em Viena-Paris (EDELWEISS, 1947, p. 6; RUIZ DE MONTOYA, 1876 [1639-1640], p. i).

Na p. xxiii, Navarro diz que “arma” está no ablativo, e, assim sendo, o “a” final é longo. Acontece que *arma*, *-orum* é uma palavra latina da segunda declinação, e não da primeira. Como pluralício que é, o ablativo deve ser *armis*. No substantivo *arma*, o *a* final é breve.

Em “Os falantes do tupi antigo: origem, história e distribuição geográfica no passado”, p. xxvii-xxxvii, Navarro trata de oito povos indígenas: tupiniquim, potiguara, tupinambá (da Bahia, do Maranhão e do sul), temiminó, caeté e tupi de São Vicente. Apesar de menos conheci-

⁴¹ Entre aspas vêm os termos com as suas grafias originais de acordo com as edições citadas.

⁴² “IPANEMA *corr.* *Ypanema*, a água ruim, imprestável; o rio sem peixe, ou ruim para a pesca. São Paulo. *Alt. Ipané.*” (SAMPAIO, 1987 [1901], p. 251.) Por motivo de questão didática, estou empregando, com adaptações, menos uso do hífen e inserção de *-y-*, a ortografia adotada por Lemos Barbosa no *Curso de Tupi Antigo* (1956).

dos, seria interessante tratar também dos demais povos falantes do tupi antigo na região da costa brasileira (MÉTRAUX, 1928, p. 12-19). Ao discorrer sobre os tupiniquins, p. xxix, Navarro afirma: “Essas referências a tupiniquins em São Vicente permanecem ainda enigmáticas e somente a descoberta de novos documentos históricos poderá lançar luzes sobre essa questão [!].” É mais do que sabido que os tupis de São Vicente também eram chamados de tupiniquins⁴³ (MÉTRAUX, 1928, p. 14-15; EDELWEISS, 1947, p. 44).

Ao tratar dos potiguaras, p. xxx, Navarro afirma que a *História do Brasil* de Vicente do Salvador foi publicada em 1627. Tal obra permaneceu inédita até 1889 quando teve a sua primeira edição no volume 13 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (LACOMBE, 1974, p. 164-165). Como cultor do vernáculo, Navarro deve corrigir “Baía da Guanabara” para “Baía de Guanabara” (MARTINS, 1997 [1990], p. 11, 51 e 340), cinco vezes nas p. xxxiv e xxxv, quando trata dos tamoios ou tupinambás do sul.

Em “As fontes para o conhecimento do tupi antigo”, p. xl, Navarro se equivoca ao comentar o trabalho do Prof. Carlos Drumond para a edição crítica, segunda, do *Vocabulário na Língua Brasileira*: “Em 1952, seu sucessor [de Plínio Ayrosa, editor da primeira edição] na Universidade de São Paulo, Carlos Drumond, publicou outra cópia daquele cimélio, existente em Portugal.” Na folha de rosto dessa edição do VLB vem “2.^a edição revista e confrontada com o Ms. fg., 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa, Lisboa, por CARLOS DRUMOND” (1952). O Prof. Drumond não publicou outra cópia do VLB, mas revisou a primeira edição e a cotejou com o manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, tendo preparado uma edição com base em mais de uma fonte, edição corrigida, ampliada e aperfeiçoada. Na p. xlii, insiste em ter sido Luís da Grã o primeiro professor de tupi no Colégio da Bahia em 1556. Isto perde a gravidade diante da falta de esclarecimento do processo para a segunda edição do VLB, para a qual muito contribuiu a Prof^a Maria de Lourdes de Paula Martins (1949).

Na p. liii, Navarro cita as cartas trocadas entre índios potiguaras como fontes do tupi antigo. “Felipe” Camarão sobressai entre os chefes, melhor seria Antônio “Filipe” Camarão (MARTINS, 1997 [1990], p. 129 e 358), uma vez que Navarro também é formado em grego clássico.

⁴³ Mantive as minúsculas e o plural para os gentílicos, como fizeram Navarro e autores de outras fontes, seguindo as normas ortográficas da língua portuguesa, exceto em citações literais.

Quanto às cartas, é estranho que Navarro não mencione em seus trabalhos dois títulos a elas referentes (SAMPAIO, 1906, e SOUTO MAIOR, 1912), chegando a considerar inédito trecho de uma delas no MMTA (2005, p. 178).⁴⁴

“Perfil do tupi antigo” é a seção que se estende da p. lvi à p. lxxix. Como só há duas análises modernas do tupi antigo, de Lemos Barbosa e de Aryon Rodrigues,⁴⁵ é evidente que essa unidade da tese muito deve a esses autores, particularmente ao Prof. Rodrigues e à sua *Estrutura do Tupinambá* (1981),⁴⁶ trabalho não citado por Navarro ao longo do texto, cita sim a tese de doutorado do Prof. Rodrigues, p. lvi, trabalho inédito, porém em alemão (1959). As considerações pertinentes a essa seção serão feitas ao tratar das “Conclusões” e do “Dicionário”, uma vez que há pontos dela que se repetem nessas duas unidades.

Nas p. lxxx a xci está a seção “Estrutura, métodos e procedimentos de elaboração e organização do dicionário de tupi antigo”. Acredito ser a unidade mais bem trabalhada das cxi p. Foi com base nela que Navarro concebeu o seu “Dicionário”. Penso que não há o que levantar no que diz respeito à lexicologia e à lexicografia e, se houver, não invalida o preparo teórico de Navarro nesses domínios científicos. Vale lembrar que fizeram parte da banca examinadora as professoras Maria Aparecida Barbosa e Maria Tereza Camargo Biderman, especialistas que certamente desempenharam os seus papéis com competência. É lamentável, no entanto, que nenhum especialista em tupi antigo tenha participado dessa comissão julgadora. Apesar do arcabouço teórico, Navarro não elaborou o seu “Dicionário” conforme os preceitos da ciência e da filologia. Serve de exemplo isto: para fim de abonação, cita Luís Figueira na p. xc, mas o que se lê em Figueira não é o que Navarro transcreve. Figueira escreve:

⁴⁴ Embora as traduções de Teodoro Sampaio deixem a desejar, o fato é que ele transcreveu, nem sempre com acerto, os originais das cartas a Pedro Poti de Diogo Pinheiro Camarão (21-10-1645) e de Diogo da Costa (17?-10-1645). O trecho “inédito” aparece no fecho da primeira (SAMPAIO, 1906, p. 289). O excerto não é inédito, mas imperfeita foi a transcrição desses documentos.

⁴⁵ Se o Prof. Rodrigues é o maior linguista do tupi antigo, para ele tupinambá de preferência, o Prof. Edelweiss foi o maior filólogo, pois conhecia como ninguém as fontes para o estudo do tupi antigo. É claro que ele tinha uma análise da língua, mas não a divulgou em trabalho de forma sistematizada, ficando os seus ensinamentos dispersos em longa e válida bibliografia. Mesmo não sendo linguista, lia tudo que dizia respeito à família linguística tupi-guarani, chegando por vezes às mesmas conclusões de linguistas que empregaram o método histórico-comparativo.

⁴⁶ Esta obra foi recentemente publicada. Como não tive acesso ao trabalho, mantive a referência do título inédito para não fazer uma transcrição de uma obra não consultada efetivamente.

“Anhê [...] Anhéráú [...] Anhéreá [...] Anhécoreá [...] Anhéreĩ [...] Anhécoreĩ [...]” (1878 [1687], p. 133-134). O é de *anhê*⁴⁷ de Figueira é transcrito com “~” por Navarro, o que não está de acordo com a fonte utilizada. Para justificar o “~”, Navarro deve fazer uso de outra fonte ou passagem (ver texto referente às notas 21, 22 e 23). Exemplos como esses são muito comuns no MMTA e no “Dicionário”.

Em “A documentação histórica: as edições e os manuscritos utilizados”, p. xciii, Navarro deixa de citar Helder Perri Ferreira como tradutor dos *Poemas* de Anchieta, assumindo para si a tradução da lírica tupi (1997), repetindo o que faz na terceira edição do MMTA (2005, p. 450). Na primeira edição do MMTA, a tradução desses poemas apresenta-se como trabalho em conjunto (1998, p. 533). Isto lembra a alteração do título da tese de doutorado, pequena, no entanto inconveniente. Mas aqui o caso é mais grave, chega a ser preocupante.

Nem sempre é possível consultar as melhores edições, porém como não fazer uso da *Notícia do Brasil* de Gabriel Soares de Sousa, comentada e anotada por Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss (1974 [1851])? O Prof. Edelweiss, para essa edição, escreveu um trabalho indispensável, “Revisão das etimologias tupis”, o melhor que se fez sobre a *Notícia* (ou *Tratado*)⁴⁸ como fonte do tupi antigo (SOUSA, 1974 [1851], p. 439-474).

A *História do Brasil* de Vicente do Salvador, “publicada em 1627” (p. xxx), é aqui tratada como um códice, 49, da coleção Livros do Brasil do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (p. xcv). De nada adianta consultar as melhores fontes se delas não se faz uso adequado. No “Dicionário”, p. 309, no verbete “pa’ama”, Navarro o abona com passagem dos “Poemas brasílicos” de Cristóvão Valente, mas o que se lê em Valente não é o que Navarro transcreve, pois Valente escreve “xe nhééng pãâmã” (*Catecismo*, 1898 [1686], n.p.). Na transcrição de Navarro, o g não está presente, e o a final deixa de ser nasal: “che ñeéng paáma ‘a minha voz confusa”, na edição de Plínio Ayrosa (1941, p. 21 e 29), lembra a lição de Navarro “xe nhe’ẽ-pa’am-a”, exceto o g presente e as ausências da oclusiva glotal ’ que registra Navarro entre os dois *ee* e os dois *aa*. Ayrosa afirma: “*Paáma* é o verbo *paã* [forma guarani], engasgar-se,

⁴⁷ “*Uerdade, ou uerdade ser. – Anhê. Aiê.*” (VLB, 1953, p. 144.) “Anhê” tilado por Navarro no mesmo verbete, justamente na subseção “O registro das variedades da língua” (p. lxxxix-xc).

⁴⁸ *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, como aparece em outras edições.

confundir-se, etc.” (1941, p. 25.) Acompanho o raciocínio de Navarro que traduz o trecho por “minhas palavras engasgadas”. O estudo de outras línguas da mesma família pode auxiliar: o termo parintintim “pa’am” ou “ma’am” se traduz por “pregar, ficar preso; obstruir; atrapalhar” (BETTS, 1981, p. 158). Isto tudo parece procedente, mas o fato é que, no original, há um *g*, e o *a* final é nasal.⁴⁹ Num dicionário dessa natureza, a abonação deve reproduzir fielmente o que está na fonte primária.

A unidade intitulada “Conclusões”, p. c-ciii, parece ser a mais problemática não só pelos seus equívocos, mas também por “conclusões” questionáveis. Navarro assim começa na p. c:

Após muitos anos de pesquisas, em contato com raríssimas edições e manuscritos quinhentistas e seiscentistas, podemos afirmar que lemos e analisamos quase tudo o que existe escrito em tupi antigo. É certo que novos textos poderão ser revelados no futuro. Mas acreditamos que não alargarão consideravelmente o que se conhece agora, com este dicionário, do léxico dessa língua.

Reunimos e organizamos tudo o que estava disperso, disseminado por obras diversas, algumas quase inacessíveis ao grande público e durante sete anos procedemos à organização de uma grande massa de informações que nunca antes haviam sido analisadas. Textos que jaziam mal traduzidos nas páginas dos viajantes e cronistas, textos que não foram até hoje traduzidos e, às vezes, nem sequer publicados, agora são utilizados largamente em nosso dicionário nos exemplos ilustrativos de que nos servimos.

Em “A documentação histórica”, p. xcii, Navarro delimita no tempo as fontes utilizadas, séculos XVI e XVII, “o período histórico em que o tupi antigo foi falado”. Se leu tanto, onde está *karaku*? São duas as ocorrências em Claude d’Abbeville.⁵⁰ Se analisou tudo, por que “karamemûã” (p. 188), e não “caramémo ‘karamemó’”, como está em Léry (1578, p. 342, *apud* NOGUEIRA, 1876, p. 12)?⁵¹ Embarcação indígena, “maracatim” é um tupinismo do português do Brasil, cuja pronúncia parece ter sofrido pouca alteração, palavra tupi, documentada em Pernam-

⁴⁹ Lemos Barbosa afirma: “A apócope é menos taxativa, se as duas consoantes são heterogênicas: [...] *nheeng + porang = nheeng-porang* ou *nheë’-porang*: falar bonito” (1956, p. 37-38).

⁵⁰ “CARACOU – boisson” (1975 [1614], p. 180) e: “KARACOU – vin doux... fait de racines de Mani-och-caue.” (1975 [1614], p. 238.) Para a espécie de gado “caracu”, consultar Teodoro Sampaio (1987 [1901], p. 216).

⁵¹ “Léry grafa *caramemô* e, como tal, encontramos em alguns vocabulários do tupi costeiro. Mais corrente, porém, é *karamemoã* [*karamemuã*], cesto, baú, caixa arqueada etc. No guarani é de mais uso a variante *karamenguá* (P[líni]o A[yrosa]).” (LÉRY, 1980 [1878], p. 133.) As notas tupinológicas de Ayrosa não são das mais felizes, mas aqui ele foi mais fiel ao texto original.

bucu e no Maranhão, não tem verbete no “Dicionário”, pois as fontes são do século XVIII.⁵² Na mesma página, Navarro dá prosseguimento:

Com o *Dicionário de Tupi Antigo* (título de livro que em breve publicaremos) e durante sua feitura pudemos alargar o conhecimento de processos gramaticais daquela língua. Assim, não somente o léxico, mas também a gramática dessa língua ficou mais bem conhecida com este trabalho, donde retiramos informações para descrevê-las pela primeira vez na 3ª edição de nosso *Método Moderno de Tupi Antigo* (Editora Global, São Paulo, 2005), que, assim, muito se beneficiou das descobertas que fizemos durante nossas pesquisas.

Não há dúvida de que a terceira edição do MMTA é uma versão reelaborada, mas como explicar a manutenção de uma nota para *suí*?: “a posposição *suí* tem um sentido especial, que até agora não foi estudado: ela pode introduzir uma finalidade negativa, significando *para não*” (1998, p. 520; 2005, p. 439). No *Curso* de Lemos Barbosa, para *suí*, lê-se “‘para não’: *a-só nde repiaka suí*: vou para não te ver” (1956, p. 72). A mesma citação aparece na primeira edição do MMTA, na edição “revista e aperfeiçoada”, Navarro abona a nota com outro exemplo, mas mantém para si o crédito da “descoberta”.

Ao arrolar as suas conclusões, na mesma página, a propósito de uma de suas descobertas, Navarro começa: “Soubemos da existência do que chamamos ‘gerúndio causal [...]’”. Embora Lemos Barbosa não ensine tal emprego em “Sintaxe do gerúndio” (1956, p. 168-173), em “Conjugação negativa”, apresenta: “No gerúndio, infinito e conjugação subordinada, a negação dupla é *nda – eym- ruã* [...]” (1956, p. 354). Entre os exemplos, o autor do *Curso* cita “*nda gûi-xó-eym-a ruã, a-s-epiãk*: não porque não fui, eu o vi” (1956, p. 355). Note-se que o exemplo é da lavra de Lemos Barbosa, pois não há abonação com fonte primária. Se não registra o emprego na lição sobre o gerúndio é porque deve ser muito menos frequente, como o próprio Navarro admite no MMTA: “Tal emprego

⁵² “[...] não pode haver dúvida quanto ao seu uso, mesmo entre os tupis da Bahia. Jaboatão [1761] se refere aos *maracatins*, no vol. I. pp. 154-55. Aos navios, entretanto, os tupis do Centro e do Sul davam o nome de *ygar-usú – canoa grande* [...]” (EDELWEISS, 1971, p. 39). A obra de Jaboatão é o *Novo Orbe Seráfico*, citada pelo Prof. Edelweiss ao tratar dos aumentativos do *Dicionário Português e Brasileiro*, de 1795, no caso, para “maracatim oçú ‘navio’”. O termo é tupi porque foi empregado pelos potiguaras de Itamaracá e pelos falantes da língua geral do Pará e do Maranhão, oriunda do tupinambá do Maranhão: “E porque, nas que faziaõ sobre a agoa nesta Ilha [Itamaracá] nas suas Canoas, costumavaõ pôr na proa destas hum espigaõ de ferro, ou páo muy forte para abalroar as outras, ao qual chamavaõ *Tim*, no seu idioma, e neste penduravaõ alguns daqueles seus *Maracás*, maiores, e faziaõ mais estrondo, a esta Canoa assim armada, chamavaõ *Maracá tim* [...]” (JABOATAM, 1858 [1761], p. 154-155).

[do gerúndio causal], porém, é mais raro [...]” (2005, p. 306). Na sua tradução do *Catecismo Brasilico* de Anchieta, o Pe. Armando Cardoso também identifica esse emprego do gerúndio:

1. *M Mbaépe Cristãos jekuapába?* 1. *M Qual é o sinal dos Cristãos? D Santa Cruz. D A Santa Cruz.* 2. *M Maránamope?* 2. *M Por quê? D Ipuapé o-mamómo Jandé Jará Jesus Cristo [...] D Porque nela morreu Nosso Senhor Jesus Cristo [...]* (1992 a, p. 186).

O gerúndio causal não é novidade para quem estudou o *Curso* de Lemos Barbosa nem para quem leu as traduções de Armando Cardoso. Aliás, essa passagem de Anchieta serve de exemplo para Navarro no MMTA ao tratar dos empregos do gerúndio (2005, p. 159). O *Catecismo Brasilico* de Anchieta só foi divulgado com essa publicação de Armando Cardoso.

Fruto de “descoberta”, p. ci, outra conclusão que merece esclarecimento diz respeito a “*iakatu*¹ (adv.) – por todo (os, a, as), em todo (os, a, as)”. Acerca do que afirma Navarro:

Nenhum dos tradutores de Anchieta atinara com o seu significado, que somente com este dicionário ficou evidenciado em virtude do cotejo de diferentes textos, donde pôde ressumar o verdadeiro sentido do lexema.

Ao discorrer sobre “Sujeito incorporado”, Lemos Barbosa diz: “O prefixo *mo-*, do sujeito e verbo incorporados, forma um novo verbo transitivo: *mo-ugûy-syryk*: fazer escorrer sangue de *ou a*” (1956, p. 209). O exemplo que se segue foi tirado do *Catecismo* de Antônio de Araújo: “*s-eté îa-katu-pe gûá i mo-peré’-pereb-i i mo-ugûy-syryk-a?* (Ar. 85): *chagam-lhe todo o corpo, fazendo escorrer o seu sangue?*” (1956, p. 209). Armando Cardoso publicou de Anchieta a *Lírica Portuguesa e Tupi*, em que também identifica tal significado no poema que começa por “*Oré rausubá jepé ‘De nós compadecedor’*”: “*Oroausúb katú uitekóbo, xe rekobé jakatú [...] Ficando eu a bem te amar, por todo este meu viver [...]*” (1984, p. 158 e 160). Estas lições não tinham sido bem aprendidas por Navarro porque na sua tradução da lírica tupi de Anchieta não se vê tal entendimento: “*Oro-aûsu-katu gûi-t-ekóbo, xe r-ekobé îa-katu [...] Estou amando-te muito, como a minha própria vida [...]*” (1997, p. 102). A passagem vem assim no texto original: “*Oroauçub catu guitecobo xe recobe yacatu [...]*” (ANCHIETA, 1989 [1954], p. 93). O que causa perplexidade é Navarro abonar o verbete de *iakatu* com, entre outras, as passagens de Anchieta e de Araújo, uma traduzida por Lemos Barbosa, a outra, por Armando Cardoso. E de gravidade é o fato de Navarro, para Anchieta, abonar com a “sua” tradução: “*Estou amando-te muito, por toda a minha*

vida” (p. ci e 132), o que não condiz com o que está na sua publicação. Tal significado de *iakatu* era conhecido, mas foi apresentado como descoberta, inspirado em tradução de outrem.

Após algumas considerações pertinentes, Navarro, p. cii-ciii, prosseguindo em suas conclusões, trata da contribuição da sua tese para a etimologia dos tupinismos do português do Brasil:

Nosso dicionário, apresentando etimologias de muitos lexemas, permite um melhor conhecimento do significado das palavras portuguesas de origem tupi, geralmente muito mal explicadas nos dicionários contemporâneos. Nenhum dos dicionaristas do século XX, desde Nascentes até Aurélio Ferreira atinou, por exemplo, com a etimologia do substantivo *caipira*. A consulta ao dicionário e o conhecimento de certos fenômenos da língua revelam-na: *kopir* (v. intr.) – lavar a terra, fazer lavoura, fazer roça; carpir, roçar: *A-kopir*. – Faço roça. (VLB, II, 19) [...] ⁵³ *Caipira* provém seguramente de *kopira*, o que *carpe*, o *roceiro*, do verbo tupi *kopir*, *fazer roça*.”

Com efeito, a etimologia de muitos tupinismos está por esclarecer, mas a responsabilidade disso não cabe aos professores de português, e sim aos tupinólogos carentes de espírito científico. Quais são esses fenômenos da língua? A respeito de “caipira”, Antônio Geraldo da Cunha, no seu *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*, afirma que “faltam, todavia, os elos da cadeia evolutiva, pois a documentação histórica é tardia” (1982 [1978], p. 83). Em *Lições de Etimologia Tupi*, o Prof. Edelweis dá a sua contribuição para a etimologia de “caipira”:

Caipira – é outro enigma etimológico à espera de solução defensável. [...] ⁵⁴ Sendo, pois, a etimologia de *caipira* um enigma intrincado, o máximo que se pode fazer é juntar às opiniões anteriores mais outra, que talvez não satisfaça, mas que, pelo menos, não violenta os preceitos gramaticais tupis. Existe no guarani o termo *ypy*, correspondente ao tupi *ypyra* – perto de, junto de, parte próxima. Diz Montoya que a mesma palavra se emprega para designar o que trata de, o que toma conta de. Se combinarmos *ypyra* com *kaá* – teremos *kaá-ypyra*. Mais provável, entretanto, é que, pelo sentido de *caipira* o termo proceda de *ko-ypyra*, o que cuida, o que trata de roça, o rústico. *Ko* transmutou-se em *ka* nos termos: *capoeira*, de *kopûera* = roça antiga, roça abandonada e *capixaba*, de *kopisaba* ou *kopixaba* = a roça, a roçagem de mata. Nada de extraordinário haveria, pois, em *kaypyra*, ao invés de *ko-ypyra*. (1986, p. 12-14.)

⁵³ [...] se refere a verbetes de derivados tupis de *kopir*.

⁵⁴ [...] diz respeito a outra etimologia aventada para “caipira”. Navarro não cita esse trabalho do Prof. Edelweis em sua “Bibliografia”.

Para uma palavra tida como de origem controvertida (CUNHA, 1982 [1978], p. 83), deve-se admitir que a hipótese de etimologia de “caipira” elaborada pelo Prof. Edelweiss chega a ser original e mesmo plausível: até onde se sabe, é a mais viável das propostas de etimologia para o termo em causa. No “Dicionário” de Navarro, em que se leram e se analisaram todas as fontes disponíveis, não há verbete para *ypyra* com tal significado. No *Confessionário Brasílico* de Anchieta se encontra “4. Ndeíteé abá [...] sóypýra abaré supé [...] 4. Por isso o homem [...] se aproxima do sacerdote [...]” (1992 b, p. 77). Nas “Notas” do tradutor, Armando Cardoso, lê-se “4. [...] *só-ypýra*: ir perto, aproximar-se” (1992 b, p. 80). A passagem deve ser considerada para o significado de *ypyra*.

Entre outras conclusões, há uma que, p. ciii, na verdade, nem é uma conclusão, mas um comentário equívocado:

Também poderão beneficiar-se, doravante, os descendentes de grupos indígenas da costa, notadamente os potiguaras da Paraíba, os tupiniquins do Espírito Santo, os pitaguaris do Ceará, com a dilatação do conhecimento do tupi antigo representado por nosso dicionário. Eles são um dos poucos grupos indígenas do Brasil que, tendo perdido seu idioma nativo, teriam condições de recuperá-lo, haja vista o grande conhecimento que hoje temos dele [...] o tupi antigo poderia ainda conhecer algo semelhante ao que ocorreu com o hebraico em Israel.

No seu *Curso de Tupi Antigo*, Lemos Barbosa ensina que: “Estudar tupi é investigar a língua que os índios realmente falaram e não exco-gitar como a falariam hoje. Proceder de outro modo é falar português... com palavras tupis.” (1956, p. 437.) Acerca da versão do português para o tupi antigo, o autor do *Curso* afirma: “O certo é que essas expressões [exemplos de neologismos], no sentido que se lhes dá, não são tupi. Podem divertir, mas carecem de valor lingüístico.” (1956, p. 437.) De fato, torna-se preocupante o interesse daqueles que estudam o tupi antigo como uma língua viva. Como falar e escrever em tupi antigo se não se dispõe de curso, gramática e dicionário atuais e confiáveis para o estudo da língua? E mesmo que houvesse, não seria recomendável estudar tupi antigo para falá-lo ou escrevê-lo. O próprio Navarro se corrigiu muitas vezes após a publicação do MMTA, e a terceira edição do seu manual carece de revisão cuidadosa. Navarro contra tudo e contra todos ensina que o radical de “vermelho” é “pyrang” (1998, p. 27; 2005, p. 41; 2006, p. 351), não levando em conta sequer o estudo comparativo da família linguística tupi-guarani, que confirma a forma *pirang*, ortografia adaptada, há muito tida como legítima (MELLO, 2000, p. 188). Penso nos potiguaras da Paraíba que começaram a reaprender a sua língua com a segunda

edição do MMTA em 2003 (ÍNDIO, 2003, p. 76) e, em 2005, com a terceira edição do MMTA, tenham percebido que muito do que aprenderam não estava correto. Por ocasião da estreia de *Hans Staden*, o *Jornal do Brasil* publicou uma reportagem, em que se dava atenção ao fato de o filme ser falado em tupi antigo: “‘Em *Hans Staden* fala-se a verdadeira língua brasileira’, atesta o professor Eduardo Navarro, especializado em tupi-guarani.” (DIA, 2000, p. 1.) Quem assistiu ao filme viu Hans Staden se dirigir à praia exclamando: “*Kurusu! Kurusu! Kurusu!*” Portuguesismo no tupi antigo, *kurusá* é “cruz”, *kurusu* é no guarani, *ybyraïoasaba* também traduz a ideia significando “paus cruzados”. Também preocupa o que surge na esteira dos que tratam o tupi antigo como uma língua viva. O Sr. Ozias Alves Jr. publicou *Parlons nheengatu* (2010), em que trata muito do tupi antigo nem sempre com felicidade.⁵⁵ A partir da publicação do *Vocabulário na Língua Brasilica* (1938), a pesquisa e o ensino do tupi antigo ganharam profundidade, e, com a segunda edição do VLB (1952-1953), houve necessidade de revisão do que se tinha produzido. Lemos Barbosa tanto tinha consciência das falhas do seu *Curso* que fez uma longa errata ao seu trabalho mais divulgado, o *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* (1970, p. 224-228). Apesar disso, o *Curso*, mesmo envelhecido e desatualizado, continua a ser o que de melhor se fez como manual: curso, gramática, exercícios, textos e vocabulários. A questão é que

⁵⁵ O jornalista Ozias Alves Jr. é um homem culto, inteligente, interessado e dedicado, mas não é um especialista em tupi antigo: seguindo Navarro (1998, p. 546), afirma que “*pirão* vient de *pirá* (poison) et *ão*” (2010, p. 17), escreve “*ybira* piranga” por *ybyrapytaga* “pau-brasil” cinco vezes (32-33), arrola aimoré e tremembé entre as principais tribos tupis (38), diz que a carta de Diogo Pinheiro Camarão a Pedro Poti é “la seule lettre écrite par un Indien en tupi ancien” (116), afirma que o tupi antigo foi falado até o século XVIII de forma predominante (11 e 62), tendo desaparecido no século XIX (13, 64 e 72), mas admite que o nheengatu surgiu no século XVIII (71), chama o nheengatu de língua brasilica (11), o que cabe ao tupi antigo, diz que um falante do tupi moderno é capaz de ler um texto do tupi antigo (103), abre espaço para o tupi antigo como uma língua viva (23-26 e 78), etc. Com exceção de Batista Caetano de Almeida Nogueira, os tupinólogos do século XIX e das primeiras décadas do século XX se dedicaram ao nheengatu, e não ao tupi antigo. Mesmo Teodoro Sampaio confundiu o tupi antigo com o nheengatu, sendo a sua obra *O Tupi na Geografia Nacional* de consulta obrigatória mais pela documentação pesquisada: “Confesso que só com grande dificuldade consegui entender o tupi em que foram escritas as duas primeiras cartas [dos Camarões], as únicas em que logrei fazer alguma coisa na restauração e tradução do texto. As restantes estão ainda para mim indecifráveis: são verdadeiros enigmas” (SAMPAIO, 1906, p. 281). O fato de conhecer o tupi moderno não facilitou na compreensão de textos do tupi antigo: “Nesse assumpto de tradução – e do tupy... é ser demasiado querer talvez outra coisa além do sentido... S. Jeronymo contentou-se em verter assim o livro de Judith. Os autores pios não se atêm á letra, como os philologos” [Afrânio Peixoto] (PRIMEIRAS, 1923, p. 18).

Lemos Barbosa já não está conosco porque seria interessante uma nova edição do *Curso de Tupi Antigo*.

Não há como negar os anos dedicados por Navarro à feitura do seu “Dicionário”. De fato, é o dicionário de maior volume feito sobre o tupi antigo ou tupinambá. Também se deve reconhecer que o léxico e a gramática do tupi antigo estão mais acessíveis, dada a extensão do “Dicionário de tupi antigo”. Uma contribuição relevante foi a participação de profissionais de zoologia e de botânica ligados à USP na elaboração de verbetes do “Dicionário”. Não vá alguém pensar, portanto, que, com esta resenha, há a intenção de questionar a aprovação de Navarro no concurso de livre-docência do qual participou. Como o trabalho, porém, poderia ter um caráter mais científico, serão levantados pontos que, se tivessem sido considerados, teriam dado ao “Dicionário” a confiabilidade de que precisa.

Como se trata de um dicionário histórico, o “Dicionário de tupi antigo” deve ter os seus verbetes abonados com reproduções fiéis ao que está nas fontes primárias e secundárias, mas não é o que se encontra. Por que não se orientou pelo *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*? Neste *Dicionário*, a primeira e mais antiga abonação para “cupuaçu” vem assim: “1817 Casal *Corografia Brazíllica* II. 278: Entr’outras fructas mais nomea-se [...] o cupuassú [...]”. Após a abonação feita com a obra de Aires de Casal, há mais três também do século XIX: “copuassú”, de 1833, “copú-assús”, de 1886, e “copús-assús”, de 1888. O verbete se encerra com duas abonações do século XX: “cupuassu”, de 1928, e “cupuassú”, de 1938 (CUNHA, 1982 [1978], p. 121). É assim que se faz um dicionário dessa natureza, um dicionário histórico, como Navarro admite na p. vi:

Algumas das obras daqueles autores foram publicadas ainda no período colonial, outras somente no século XX. Nosso trabalho, nelas fundado, é, assim, de cunho eminentemente filológico, e seu instrumental são textos antigos e não o contato com falantes da língua. Trata-se, portanto, de um *dicionário histórico*.

Para “kupu’ygúasu ‘cupuaçu’”, o “Dicionário” não traz abonação original nem transcrição moderna, p. 208, com citação de d’Abbeville, mas o que se lê no original é “COPOUIH OUËSSOU – arbre” (1975 [1614], p. 172). Para “kupu’y’áüba (lit., *cupiüba do fruto amarelo*)”, também não há abonação original nem transcrição moderna, p. 208, com citação também de d’Abbeville, em que se lê “COPOUIH AIOUP – arbre” (1975 [1614], p. 172). Aproveitando a obra de d’Abbeville como

fonte para citação, podem-se também arrolar, entre outros, “mursi ‘murici’”, p. 275, mas o original dá “MORECY” (1975 [1614], p. 174)], “ĩunypaba ‘jenipapo’”, p. 171, “IUNIPAP” (1975 [1614], p. 169). Tratando-se de um dicionário histórico, são inconcebíveis falsas etimologias como, entre outras, “itagûasu” por *itãgûasu* na p. 166: “lit., *pedra grande*” (s.) – mexilhão d’água doce (o maior) (VLB, II, 37)”. *Itãgûasu* significa “concha grande”: *itã* + *gûasu*, e não *itá* + *gûasu*. *Mboîgûasu* é “cobra-veado”, tradução literal, *mboî* + *gûasu* = *sygûasu* (EDELWEISS, 1969 b, p. 39-40). “Sucuri ou cobra-de-veado”⁵⁶ está no verbete “*mboîgûasu*¹ (lit., *cobra grande*)”, p. 231, etimologia equivocada pois “cobra grande” é *mboîusu* (*mboî* + *usu*). O grande problema é que, no “Dicionário”, as abonações originais, quando existem, são transcritas com ortografia atualizada. O DHPPOT de Cunha (1982 [1978]) apresenta falhas, porém elas são compensadas com documentação fidedigna, daí o mérito da obra. Pode parecer exagero, mas não é, todos os verbetes do “Dicionário” devem ser revistos para que sejam refeitos com abonações originais. Na p. 17 vem o segundo verbete para “Aîurûasu”: “*Aîurûasu*² (lit., *papagaio grande*) (s. antrop.) – nome de um índio (D’abbeville, *Histoire*, 184)”. Na fonte para a abonação, o que se lê é: “AIOUROUOUASSOU” – Principal... c’est à dire le grand Perroquet.” (1975 [1614], p. 143.) O verbete deve ser corrigido para: “*Aîuruûasu*² (lit., *papagaio grande*) (s. antrop.) – nome de um chefe tupinambá do Maranhão (D’abbeville, *Histoire*, 184)”. Navarro usa a edição de 1614, daí a diferença de paginação. “Aîurûasu” é inadmissível, a transcrição correta é *Aîuruûasu*, *Aîurugûasu* no padrão da língua. Por falar em correção, Navarro, zeloso do português, dedicado ao latim e ao grego clássico, deve preferir “fleuma” a “fleugma” (Houaiss & Villar, 2008 [2001]), p. 1356), p. 82, em “*ekombegûê* (lit., *modo de ser lento*)”. Na p. 148 está o verbete: “*îemopyrang* (v. intr.) – pintar-se de vermelho, avermelhar-se: *Moraseîa é i katu, îegûaka, îemopyranga...* – A dança é que é boa, enfeitar-se, pintar-se de vermelho. (Anch., *Teatro*, p. 6)”. No texto original, o que vem é: “*Moraçeyae ycatu yeguaca, yemopirâga [...]*” (ANCHIETA, 1989 [1954], p. 138). O verbete corrigido é: “*îemopyrang* (v. intr.) – pintar-se de vermelho, avermelhar-se: *Moraseîa é i katu, îeguaka, îemopyranga...* A dança é que é boa, enfeitar-se, pintar-se de vermelho (Anch., 1989 [1954], p. 138)”. Isto no caso de haver transcrição atualizada com base

⁵⁶ Existe outra serpente que também é chamada “cobra-de-veado”.

na edição da Prof^a Paula Martins porque a de Navarro, por ele citada, é falha nessa passagem.

Lemos Barbosa ensina: “*î* e *nh* às vezes se permutam. Junto de nasal é preferido *nh* [...]” (1956, p. 36): *nh* é um alofone usado em tal contexto. Linguisticamente tratando, o que se espera é *nhõ*, e não *nhó*, daí o *e* tilado para *anhé*, mas a fonte não pode ser alterada em função disso. A reprodução ou a transcrição devem ser fiéis ao original, o que não se vê no “Dicionário”. O *e* aparece tilado, entre outros, nestes exemplos de Figueira: “*nhê*”⁵⁷ (1878 [1687], p. 144), “*ranhê*”⁵⁸ (1878 [1687], p. 144), respectivamente nas p. 286 e 357. Na gramática de Anchieta se lê “*ndénhóumê ejucâ*, não o mates tu sô” (1990 [1595], p. 22v). Tanto o *o* de *nhô*⁵⁹ quanto o *e* de *umê*⁶⁰ estão tilados na p. 410 do “Dicionário”. Quanto a “*nhõ*”, é o que se espera junto de nasal, mas aqui não tem apoio na fonte. O *é* e o *ó* são muitas vezes tilados no “Dicionário”, como no caso de *umé*, e, na p. 28, vem “*amõ*” por “*amó*”,⁶¹ este no *Catecismo Brasílico* de Anchieta (1992 a, p. 163). *Manó* ou *manõ*⁶² são ambos usuais, mas o original deve ser mantido. Na p. 218 do “Dicionário” se lê “*manõ*”, mas em Figueira vem “*manó*” (1878 [1687], p. 69). Falando de linguística, embora o trabalho seja de cunho filológico, não se pode abrir mão dela, como para esta entrada: “*ãûa* (pron.) – ele (es, a, as) (VLB, I, 109); esse (es, a, as); aquele (es, a, as), isso, aquilo (principalmente no plural)”. A abonação do VLB não traz transcrição. Há uma do *Confessionário* de Anchieta e outra da gramática de Figueira, as três na p. 64. No VLB se lê: “*Aoã* [...] *Aõaae* [...] *Aõã* [...]” (1952, p. 109). “*Aõã*” se encontra em Figueira (1878 [1687], p. 81). Na edição para Anchieta vem “*aú ã*”⁶³ (1992 b, p. 102). Os professores Edelweiss e Aryon Rodrigues,

⁵⁷ “*Ociosamente, ou sem porq.* – *Nhê. Nhenhê. Tenhe. Tenhenhe.*” (VLB, 1953, p. 54.)

⁵⁸ “*Ndaéiranhê*, negatiuo, Ainda não, sempre o *ranhê*, alem do gerundio [...]” (ANCHIETA, 1990 [1595], p. 56).

⁵⁹ “*Somente. aduverb.* – *Nho. Nhonhe. Nhotenhe. Nhote.*” (VLB, 1953, p. 121.)

⁶⁰ “*O Imperatiuo [...]* No fim do negatiuo tem, *vmê [...]*” (ANCHIETA, 1990 [1595], p. 22-22v).

⁶¹ “*Algum, ou alguma.* – *Amõ. Amoaê.*” (VLB, 1952, p. 31.)

⁶² “*Morrer.* – *Amanô.*” (VLB, 1953, p. 42.)

⁶³ Para Armando Cardoso: “9. ‘*Aú têmô mbaé aiba mã, aé moném xe reôu, aú ã suí!*’ 9. ‘*Oxalá eu comesse veneno e feito fétido morresse, por comer isso!*’” Na transcrição de Navarro: “*A-u temô mba'e aiba mã a'emo nhê xe r-e'ôu aûa suí.* – Ah, quem me dera comer veneno para que eu morresse disso.” Navarro transcreve, mas deixa de traduzir “*aé moném*”, para ele “*a'emo nhê*”.

especialistas na família linguística tupi-guarani, reconstituem esse termo por “aûã” (EDELWEISS, 1969 a, p. 145) e “awã” (RODRIGUES, 1981, p. 17). No parintintim, há para “essa” “agûã”, adaptação do original “agwa” (BETTS, 1981, p. 24). Deve-se ler a bibliografia sobre o tupi antigo para elucidar também questões de natureza filológica. O verbete que se segue vem na p. 302: “oi (interj.) – oi! (respondendo a chamado): – *Aîmbiré!* – *Oi!* – *Xe pysyrô îepé!* – *Aimbirê!* – *Oi!* – *Ajuda-me tu!* (Anch., *Teatro*, 48)”. Lemos Barbosa escreveu “O auto de São Lourenço”, mas parece que os tradutores de Anchieta não leram ou não concordaram com o comentário feito a respeito dessa passagem:

Quando Saravaia relata o que fez para induzir aqueles índios numa cilada, o Anjo já não suporta. Deante da confissão espontânea e cínica, amarra Saravaia para mandá-lo ao fogo eterno. Saravaia grita por socorro a Aimbiré: 554. [-] *Aimbiere*. [-] *Aimbiré!* [555.] Aimbiré: – *Oi!*¹¹ [...] – *Úi!* [...] ¹¹ A interjeição não está arrolada nas artes e dicionários, mas o seu sentido é óbvio. (1950, p. 216.)

“Ui!” porque ambos os demônios agora se encontravam presos. Aimbirê tinha sido preso com Guaixará pelos santos (v. 476). Aimbirê não estava em melhor condição do que Saravaia e já tinha expressado a sua dor (v. 482). A razão parece caber a Lemos Barbosa pois, no *Tesoro* de Ruiz de Montoya, encontra-se: “Oî (*Dize la muger que se duele*), Ay.” (1876 [1639], p. 256.) No verbete “îur/ur(a) (t, t) (v. intr. irreg.)” [...] “2) fórmula de saudação para o que chega: *Ere-îu-pe?* – *Pá, a-îur.* – *Vieste?* – *Sim*, vim. (Léry, *Histoire*, 341)”, p. 172 do “Dicionário”, “a-îur” não está como a fonte que traz “aiout ‘a-îut” (LÉRY, 1578, p. 341, *apud* NOGUEIRA, 1876, p. 10, BARBOSA, 1942, p. 308, EDELWEISS, 1969 a, p. 97).⁶⁴ Numa das conclusões da tese, p. cii, lê-se: “Também de grande valia será o *Dicionário de tupi antigo* para o melhor conhecimento das variantes dialetais da língua da costa do Brasil nos primórdios de sua história.” Assim como *karamemó*, *aîut*, entre outros, sem análise para descrever o falar dos tamoios ou tupinambás do sul. Muitos verbetes merecem revisão, de que são exemplos “agûarakynhusu” e “petymamanimbyra”, respectivamente nas p. 11 e 319. O segundo é “*petymamanimbyra* (s.) – fumaça que se inala ao se fumar (VLB, I, 144)”:

⁶⁴ “As palavras que em outros autores aparecem com a terminação *r* [...], figuram, normalmente, em Léry, terminadas em *t*. Esse fenômeno, sempre facultativo no tupi [...], assume o aspecto de regra geral no Colóquio [...]” (BARBOSA, 1942, p. 308). “*R* final se permuta por *t* (pron. comum dos tamoios; entre as outras tribos, elegante, mas rara): [...] *a-îur* = *a-îut*: vim [...]” (BARBOSA, 1956, p. 41).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O *Vlb.* evita registrar práticas pagãs; traz, entretanto, o nome do *charuto* – *pety-mamanë[m]byra*, no verbete *fumaça que se bebe*. A tradução literal do termo é *tabaco enrolado*. Gabriel Soares traz a descrição do charuto indígena no cap. 61 da II. parte. (EDELWEISS, 1972, p. 71.)

Para Edelweiss, “-ë-” = “-y-”, portanto, o verbete revisto é “*pety-mamanybyra* (s.) – charuto (VLB, I, 144)”. “*Agûarakynhusu*” também deve ser revisto com base em estudo do tupinólogo gaúcho, radicado na Bahia:

A forma ‘asú’ em Piso e Marcgrave [Grafia de Piso e Marcgrave] aguara-cuinha-acu [Forma tupi em nossa grafia fonêmica] – agûará-kyynh-usú [Tradução portuguesa] – erva moura (25) [...] (25) Há inversão de letras nesta palavra, de que a maioria dos compendiaadores não se dá conta: *aguara-ciuinha-acu* está por *aguara-cuinha-acu*, mais exatamente, *agûará-kyynha-asú* por *agûará-kyynh-usú*, que êste último é a forma correta em tupi. A tradução literal é *pimenta grande do guará* (= *cachorro do mato ou lôbo*). *Inácio de Menezes (Flora da Bahia)* vê sinonímia em *aguaraquiunha açu* (sic!) e *crista-de-galo*. O *Vlb.* traduz *agûará-kyynha* por *erva-moura*. A forma aumentativa correta é *agûará-kyynh-usú*. (EDELWEISS, 1970, p. 80.)

O verbete “*agûarakynhusu* (s.) – aguaraquiá-açu, fedegoso, provavelmente uma borraginácea da subfamília das heliotrópias, talvez o *Heliophytum indicum* De Cand. (Piso, *De Med. Bras.*, IV, 198)” tem entrada por corrigir.

Muito cuidado deve ser tomado ao lidar com fontes subsidiárias pois corre-se o risco de tratar um tupinismo como vocábulo do tupi antigo. Na p. 132 do “Dicionário” está o verbete “*îakûasu* (lit., *jacu grande*) (s.) – jacu-açu [...] (Sousa, *Trat. Descr.*, 230)”. “*Îakûasu*” não pode ser porque o correto é *îakugûasu*: o termo de Sousa já traz consigo o sinal da evolução do tupi antigo para a língua geral, devendo ter a sua entrada corrigida. Continuando com os tupinismos, p. 122, vem “*guti* (s.) – o mesmo que *gûeti* [oiti] (v.) (Sousa, *Trad. Descr.*, 194)”: “*guti*” é um tupinismo pois não pode ser palavra do tupi antigo, o que torna a entrada desnecessária. No DHPPOT de Cunha, todas as abonações de “*oiti*” são de fontes subsidiárias, admitindo-se o étimo “*gûiti*”, transcrição do que vem nesse *Dicionário Histórico* (1982 [1978], p. 221). No “Dicionário” de Navarro, arrolam-se os vocábulos originados de “*gûeti*” (4, p. 121) e de “*gûiti*” (5, p. 121-122). Na p. 70 do “Dicionário” se lê “*bakori* (s.) – bacuri, planta da família das gutíferas (Silveira, *Relação do Maranhão*, fl. 11v)”. Também com abonação em fontes subsidiárias, o étimo que se defende é “*ybakuri*”, transcrição do original (CUNHA, 1982 [1978], p. 68). A fonte usada por Navarro para “*bakori*” está entre as de Cunha. Em d’Abbeville vem o que se segue: “PACOURY – arb. – ...Son fruit est

gros comme deux poings qui a la peau espesse d'une demi pouce [...]” (1975 [1614], p. 171-172). Para “pakury”, Navarro tem o verbete: “*pa-kury* (s.) – bacuri, bacurizeiro, árvore frutífera muito grossa e alta, da família das gutíferáceas (*Platonia insignis*, Mart.) [...] (D’Abbeville, *Histoire*, 222)”. É a mesma árvore frutífera de que trata Cunha. Se d’Abbeville estiver certo,⁶⁵ por que as duas entradas? Não é “bakori” um tupinismo? Segundo d’Abbeville, no tupinambá do Maranhão, o nome é *pakuri*, árvore típica da região amazonense. “Abá-pe?” é verbete na p. 6, mas por que razão? se há remissão dispensável para “abá? ‘quem?’”.

Navarro afirma, p. vi, sobre a extensão do seu “Dicionário” após dizer que o tupi antigo “é a língua indígena brasileira mais bem conhecida”:

[...] atingimos nele quase oito mil palavras-entradas, superando de longe, nesse aspecto, todas as outras produções lexicográficas congêneres, mesmo o *Tesoro de la Lengua Guarani* de Antonio Roiz de Montoya e o *Dictionnaire Wayãpi-Français*, de Françoise Grenand, que ultrapassam cinco mil entradas.⁶⁶

Se o tupi antigo é tão conhecido, por que se contam nos dedos das mãos os tupinólogos do século XX? Por que só houve duas gramáticas publicadas no período colonial? Por que a obra poética de Anchieta só foi traduzida no século XX? E houve o que rever nas traduções. Por que o *Catecismo* dos jesuítas (1686 [1618]) até hoje não foi teve tradução publicada? Por que o *Vocabulário* dos jesuítas só foi publicado no século XX (1952-1953 [1938])? A cultura brasileira faz triste figura nesse quesito diante do Paraguai, do Peru e do México. O País inteiro fala de uma língua tupi-guarani, ignorando as diferenças entre o tupi antigo e o guarani antigo, misturando-os com o nheengatu e o guarani moderno ou paraguaio, fato comum até no meio acadêmico, tema que já foi tratado exaustivamente por vários tupinólogos no passado e no presente. Até a p.

⁶⁵ Que fique bem claro, no caso de d’Abbeville estar certo, pois “paquori”, de 1631, é abonação em Cunha (1982 [1978], p. 68). Para “oití” e “bacuri”, Teodoro Sampaio admite os étimos “Ui-ti” e “Ybá-cury” ou “ybá-curi” (1987 [1901], p. 338 e 203). *Güiti* na língua padrão, “üiti” para “oití” vem em d’Abbeville: “OUVTY – arbre” (1975 [1614], p. 175). A forma “güeti” não está de acordo com d’Abbeville, podendo ser talvez um tupinismo. A mesma fonte dá “Pakuriyba”: “PACOURY-EUUE – village... qui signifie l’arbre de *Pacoury*” (1975 [1614], p. 144). No tembé e no guarani moderno, há também a forma de d’Abbeville: “*Bacuri*; pakuri – pakuri (G).” (BOUDIN, 1978, p. 43.) No guarani moderno, o termo é o mesmo, mas a árvore se trata do abieiro. Para “bacuri” e “bacurizeiro”, no urubu-kaapor, existem “pakuri” e “pakuri’y” (KAKUMASU & KAKUMASU, 1988, p. 61 e 62). Pelo que se vê, o étimo deve ser mesmo *pakuri*.

⁶⁶ Não se pode comparar a obra de Navarro com a de Ruiz de Montoya! Este passou décadas entre os guaranis, e suas obras até hoje são referências, aquele concebeu um manual que, anos depois de seu lançamento, mostra-se falto de acabamento.

186 do “Dicionário”, 42 % das 436 p., há cerca de 650 zoônimos e fitônimos, 35 antropônimos e 15 gentílicos.⁶⁷ Há fortes indícios de entradas desnecessárias, e o “Dicionário” carece de revisão, o que pode diminuir o número de entradas. O que são “quase oito mil”? já que Navarro por vezes não é preciso. Muitos dos zoônimos e fitônimos são de origem tupi, mas as fontes respeitantes são subsidiárias, trata-se, pois, de tupinismos. Se não há fonte primária que os abone, não devem ser arrolados num dicionário de tupi antigo. Quanto aos gentílicos, Alfred Métraux enumera quinze tribos falantes do tupi antigo, de que se conhecem nome e localização na costa brasileira e vizinhanças (1928, p. 12-19).⁶⁸ Das quinze tribos, Navarro tem verbetes no seu “Dicionário” para treze, não incluindo “Ararape” (CARDIM, 1980 [1925], p. 103; MÉTRAUX, 1928, p. 14) e “Guaracaio” ou “Itati” (CARDIM, 1980 [1925], p. 102; MÉTRAUX, 1928, p. 19). Vizinhos dos potiguaras, os viatãs são contemplados com dois verbetes na p. 408:

“u’iatã¹ (lit., *farinha dura*) (s.) – nome de grupo indígena que vivia no século XVI próximo dos potiguaras da costa nordestina (Cardim, *Trat. Terra e Gente do Brasil*, 121)

U’iatã² (lit., *farinha dura*) (s. etnon.) – nome de antiga nação indígena da Paraíba (Cardim, *Trat. Terra e Gente do Brasil*, 121)⁶⁹

Navarro dá entradas para tribos não falantes do tupi antigo, deixa de mencionar “Ararape” e “Itati” e faz dois verbetes para “Viatã”. Note-se que “u’iatã ‘farinha dura’” tem abonação na p. 407 em “u’i ‘farinha’”. Na p. 31 vem “*amopyra* (s. etnon.) – (nome de nação indígena (Vasconcelos, *Crônicas (Not.)*, I, § 151, 110)”, que também deve ser levado em conta para *ypyra*:

Amoipira. – A palavra é composta de *amó* = *outro, outra, da outra*, e *ybyra* = *margem*, com possível influência de *ypyra* = *parte próxima*. Como se vê no texto, o gentílico proveio do nome do maioral da tribo. Chamou-se, portanto, *O(s) da outra margem*. (EDELWEISS, 1974, p. 473-474)

O verbe “*ka’aetê*² (lit., *mata verdadeira*)” é seguido de outro, p. 177, “*ka’aetê*³ (lit., *mata verdadeira*) (s. etnon.) – caeté, nome de antiga

⁶⁷ Os números estão aproximados para menos.

⁶⁸ Para “Apigapigtanga” e “Muriapigtanga”, confrontar Métraux (1928, p. 19) com Fernão Cardim (1980 [1925], p. 102).

⁶⁹ “Perto destes [*Potyguaras*] vivia multidão de gentio que chamão *Viatã*, destes já não ha nenhuns, porque sendo elles amigos dos *Potyguaras* [...] e parentes os Portuguezes os fizeram entre si inimigos [...]” (CARDIM, 1980 [1925], p. 102).

nação indígena da costa (Cardim, *Trat. Terra e Gente do Brasil*, 122)". As formas para o gentílico são "Caité" e "Caaeté" (CARDIM, 1980 [1925], p. 102; MÉTRAUX, 1928, p. 13). Para o Prof. Edelweiss, a variante "caité" é a mais procedente:

O gentílico *caité* deve ser uma alcunha aplicada a esses índios tupis por seus vizinhos, ou é o nome de um antigo tubixaba, que passou à tribo. Parece composto de *caí*, uma casta de macacos de pernas e rosto comprido, mais *eté* = *genuíno, verdadeiro*. (1974, p. 444.)

Aproveitando a citação desse trabalho do Prof. Edelweiss, é bom ler livros, artigos e outras publicações e até trabalhos inéditos como teses para que o estudo tenha mais profundidade. Leiam-se os dois verbetes nas p. 397 e 436 do "Dicionário": "*tororõma* (s. onomat.) – jorro, borbo-tão: 'y-tororõma – jorro d'água, bica d'água (VLB, I, 55)" e "'ytororõma (lit., jorro d'água) (s.) – bica d'água (VLB, I, 55)". Segundo lição do Prof. Edelweiss, o primeiro deve ser revisto, e o segundo, corrigido, "jorro d'água" para "água rumorejante": "Em tupi *tororoma* > *tororõ* é *rumor, rumorejante* e *y-tororõ* = *rumor de água corrente, rio murmuroso* ["Tororam" em Sousa, 1974 [1851], 326]. É formação onomatopaica." (1974, p. 448.) O termo parintintim que verte "roncar" se pronuncia "tororõe", adaptação para o português (BETTS, 1981, p. 189). Ao Prof. Edelweiss cabe a razão, mas, para manter o verbe de "tororõma", é preciso aboná-lo com fonte primária. Finalizando com a amostragem de pontos a rever e a corrigir, também é bom ler os trabalhos de Alfred Métraux, Estêvão Pinto, Florestan Fernandes, Cristina Pompa, Adone Agnolin, entre outros, para evitar uma visão estereotipada do índio tupinambá, já que as tribos tupinambás foram mais bem descritas e estudadas. O *Pequeno Vocabulário Tupi-Português* de Lemos Barbosa traz "*caraimonhang* – cerimônia de santidade; *tr.* fazer cerimônias de santidade" (1967 [1951], p. 45), e o *Curso*, "*carai-monhang*² [...] 2 – cerimônias de 'santidade'" (1956, p. 356-357). No "Dicionário", p. 188, há os verbetes "*karaimonhang* (v. intr.) – fazer feitiços" e "*karaimonhang* (s.) – feitiço, magia, pajelança": pelo menos há "pajelança" entre as opções para a tradução.

Os meus primeiros trabalhos foram *Vitrúvio e a Formação do Arquiteto* (1991) e *Introdução ao Tupi* (1994). *Vitrúvio e a Formação do Arquiteto* têm vinte anos e uma longa errata (*corrígenda, delenda e ad-*

denda),⁷⁰ e *Introdução ao Tupi*, trabalho de divulgação, foi escrito com base em bibliografia recomendável, mas carente de análise linguística moderna. *Revisão de um Compêndio de Tupi Antigo* ficou inédito durante quinze anos (2009), tendo sido revisto pelo Prof. Aryon Rodrigues, e agora eu faria uma alteração de fonte, mas não de conteúdo. Todo trabalho pode e deve ser melhorado, porém, tratando-se de tupi antigo, isso é mais do que necessário, pois boa parte das fontes primárias apresenta ortografia deficiente. Por isso solicitei a Navarro que não publicasse o seu manual antes do tempo, pois se ele o fizesse, teria que refundir o trabalho posteriormente. Mas ele o publicou, e houve a necessidade de reelaborar o MMTA (2005 [1998]), ainda carente de revisão. Como se não bastasse, Navarro deu aos estudos tupis uma orientação equivocada, tratando o tupi antigo como uma língua viva, dispendo-se a ensiná-lo aos potiguaras e a outros remanescentes dos antigos tupis ou tupinambás. Nas duas primeiras edições do MMTA, vem nos “Agradecimentos”:

Ao Prof. Dr. Aryon dall’Igna Rodrigues, da Universidade de Brasília, com quem mais aprendi sobre a Língua Brasílica e que, com mão de mestre, guiou-me pelos caminhos de seu estudo. Se este livro tiver méritos, eles são todos seus. (1999 [1998], n.p.)

Na mesma página também se lê: “Ao Prof. Dr. Eduardo Tuffani, da Universidade de Brasília, por suas judiciosas observações e críticas, que muito me ajudaram.” Os agradecimentos não estão presentes na última edição. Não posso falar pelo Prof. Aryon Rodrigues, mas de minha parte afirmo que a apostila revisada não é exatamente o livro publicado nem poderia sê-lo, pois há erros crassos que permanecem na terceira edição. Também afirmo que não recomendei a publicação do manual na ocasião porque eu esperava de Navarro um amadurecimento no que toca à questão da problemática do tupi antigo ou tupinambá. Termino a redação deste texto em 11 de março de 2011, desejando que sirva para os interessados refletirem sobre a língua e o seu estudo.⁷¹

⁷⁰ Sujeitos a outra errata também estão os *Estudos Vitruvianos* (1993), da tese originados, trabalho desfavorecido por editoração descuidada.

⁷¹ Em 3 de março de 2012, o texto foi revisto com base em sugestões de um parecerista externo, sugestões nem todas por mim acatadas. Até essa data, o “Dicionário” ainda não tinha sido publicado. Acredito que a resenha tem sua razão de ser, pois a obra analisada tem sido consultada e citada por estudiosos de tupi antigo, tornando-se uma obra de referência, apesar de suas limitações e falhas manifestas. Após o ingresso de Navarro em Etnolinguística, o “Dicionário de tupi antigo” já não figurava em seu *Currículo* como livro publicado. Esclareço que consulto currículos para me atualizar, e não para acompanhar simplesmente a produtividade de outros professores.

P.S.: Tinha eu também a intenção de fazer uma resenha sobre a obra *Repositório da Língua Brasilica* do advogado Elvan Loureiro (2009). Esse trabalho, no entanto, é um dicionário de tupi antigo, tupi médio e tupi moderno (2009, p. iv e vi), elaborado com base em fontes secundárias (iv). Seguidor de Navarro, Elvan Loureiro, porém, não faz uso da terceira edição do MMTA nem do “Dicionário de tupi antigo”. Trata Lemos Barbosa e Frederico Edelweiss em pé de igualdade com outros autores (iv). Em sua longa bibliografia, p. 578-601, há casos de duplas referências bibliográficas, entre outras, para a primeira edição de Léry (588) e para *Poesias* de Anchieta, por Paula Martins (579), entrada em Anchieta, e (589), entrada em “Manuscrito” [!]. Também cita o livro que Navarro teria publicado pela Vozes, o que a Editora negou ter feito. São flagrantes as entradas desnecessárias e a falta de cuidado na elaboração dos verbetes: abona “jakatú” com tradução de Armando Cardoso como se fosse de Paula Martins (190). Entre outras abonações equivocadas, há a de “karamemua” feita com base no MMTA (234). Existem casos de falsas etimologias como, entre outras, para “tororõma” (527) e “mboiguasú” (281). Apesar de ser também um dicionário de tupi médio, não faz verbete para *marakatĩ*, mas o faz para “kurusú” (256). Não há entrada para *oi*. Elvan Loureiro parece não ter se dado conta de que “ãua” (Barbosa, 1970, p. 225) e “AÛÃ” (Navarro, 1998, p. 19) são a mesma coisa pois faz entradas distintas para o vocábulo (75). O dicionário que se estende por 578 p. apresenta mais problemas do que o de Navarro já que se fez tendo por fontes obras por vezes não confiáveis: há duas entradas para “vermelho”, “piránga” e “pyránga” (432 e 468).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ABBEVILLE, Claude. *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Tradução de Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975 [1614].

ALVES JR., Ozias. *Parlons nheengatu: une langue tupi du Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2010.

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição fac-similar. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

_____. *Poesias*. Manuscrito do séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi. Transcrições, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins.

Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989 [1954].

_____. *Lírica portuguesa e tupi*. Originais em português e em tupi acompanhado de tradução versificada, introdução e anotações ao texto pelo Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1984.

_____. Catecismo brasílico. In: _____. *Doutrina cristã*. Introdução, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1992 a, t. 1.

_____. Doutrina autógrafa e Confessionário. In: _____. *Doutrina cristã*. Introdução histórico-literária, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1992 b, t. 2.

_____. *Poemas*: líricas portuguesa e tupi. Ed. preparada por Eduardo de Almeida Navarro. Tradução dos textos em tupi: Eduardo de Almeida Navarro & Helder Perri Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ARAÚJO, Antônio de. *Catecismo na língua brasílica*. Reprodução fac-similar da 1. ed. (1618), com apresentação pelo Pe. A. Lemos Barbosa. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952 [1618].

_____. *Catecismo brasílico da doutrina christã*. Publicado de novo por Julio Platzmann. Edição fac-similar. Leipzig: B.G. Teubner, 1898 [2. ed., 1686].

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas. *Normas ABNT sobre documentação*. Ed. atual. pela Comissão de Estudos de Documentação do CB-14. Rio de Janeiro, 1978 [1964], v. 1.

_____. NBR 6023. Rio de Janeiro, ago. 1989, [ago. 2002].

AYROSA, Plínio. *Poemas brasílicos do Pe. Cristóvão Valente, S.J.* Notas e tradução. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1941.

BARBOSA, A. Lemos. O diálogo de Léry. *Revista Filológica*, Rio de Janeiro, E.L. Martins, Lisboa, Agência Editorial Brasileira, v. 4, n. 16, p. 306-322, mar.1942.

_____. O auto de São Lourenço: uma peça teatral de Anchieta em tupi, castelhano e português. *Verbum*, Rio de Janeiro, Universidade Católica, v. 7, n. 2, p. 201-247, jun. 1950.

_____. 3. ed. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: São José, 1967 [1951].

_____. *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio: São José, 1956.

_____. *Pequeno vocabulário português-tupi*. Rio de Janeiro: São José, 1970.

BETTS, La Vera. *Dicionário Parintintín-português português-Parintintín*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

BOUDIN, Max H. Português-tembé-tênêthar e sinópsis gramatical. In: _____. *Dicionário de tupi moderno* (dialeto tembé-tênêthar do alto do rio Gurupi). São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, v. 2.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980 [1925].

CARDOSO, Armando. Introdução histórico-literária. In: Anchieta, José de. *Doutrina cristã*. São Paulo: Loyola, 1992, t. 1, p. 17-44.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. *Dicionário de tupi (antigo)-português*. Salvador: s.n., 1987.

Catecismo. Ver em ARAÚJO.

CUNHA, Antônio Geraldo da. 2. ed. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1982 [1978].

DIA de índio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro. B, 4-2-2000, p. 1.

EDELWEISS, Frederico G. *Tupís e guaraníes: estudos de etnonímia e linguística*. Bahia: Museu da Bahia, 1947.

_____. *Estudos tupís e tupi-guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1969 a.

_____. Gûasú e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 7, p. 33-45, 1969 b.

_____. ‘Gûasú’, ‘usú’ e ‘asú’ na História da missão dos pp. capuchinhos de Frei Cláudio d’Abbeville. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 9, p. 65-80, 1970.

_____. Gûaçú e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 10, p. 29-62, 1971.

_____. Gûasú e usú na diacronia das línguas e dialetos tupi-guaranis. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 12, p. 59-78, 1972.

_____. Revisão das etimologias tupis. In: Sousa, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. São Paulo: Revista dos Tribunais, [Brasília]: Ministério da Educação e Cultura, p. 439-474, 1974 [1851].

_____. *Lições de etimologia tupi*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1986.

FIGUEIRA, Luiz. *Grammatica da lingua do Brasil [Arte de grammatica da lingua brasílica]*. Novamente publicada por Julio Platzmann. Leipzig: B. G. Teubner, 1878 [1687].

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008 [2001].

ÍNDIO quer voltar a ser índio. *Veja*, São Paulo, Abril, ano 36, n. 37, ed. 1820, 17-9-2003, p. 76.

JABOATAM, Antonio de Santa Maria. *Novo orbe serafico brasílico, ou Chronica dos frades menores da provincia do Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1858 [1761], v. 1.

KAKUMASU, James Y.; Kakumasu, Kiyoko (Comps.). *Dicionário por tópicos Urubu-Kaapor-português*. Brasília: Fundação Nacional do Índio, Summer Institute of Linguistics, 1988.

LACOMBE, Américo Jacobina. *Introdução ao estudo da história do Brasil*. São Paulo: Nacional, Universidade de São Paulo, 1974.

LERY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, avtrement dite Amerique*. La Rochelle: Antoine Chuppin, 1578.⁷²

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Tradução e notas: Sérgio Millet. Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas: Plínio Ayrosa. [Trabalho questionado.] Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980 [ed. Paul Gaffarel, 1878].

⁷² Segundo o Prof. Edelweiss, a terceira, de 1585, é a melhor das primeiras edições francesas (1969 a, p. 289). Como não foi possível consultá-la, usou-se a primeira para citações de passagens estudadas por Nogueira, Ayrosa, Barbosa e Edelweiss.

LOUREIRO, Elvan. *Repositório da língua brasílica*. Recife: ed. Autor, 2009.

MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo*. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997 [1990].

MARTINS, M. de L. de Paula. Vocabulários tupis – o problema VLB. *Boletim Bibliográfico*, São Paulo: Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, v. 13, p. 59-93, 1949.

MELLO, Antônio Augusto de Souza. *Estudo histórico da família lingüística tupi-guarani*: aspectos fonológicos e lexicais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Tese de Doutorado, 2000.

MÉTRAUX, A. *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*. Paris: Librairie Orientale Paul Geuthner, 1928.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *A problemática lingüística do Renascimento*: as missões e as gramáticas da língua tupi de José de Anchieta e Luís Figueira. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado, 1995 a.

_____. *A problemática lingüística do Renascimento às missões e às gramáticas da língua tupi de José de Anchieta e Luís Figueira*. [...], 1995 b.

_____. *Método moderno de tupi antigo*: a língua do Brasil dos primeiros séculos. Petrópolis: Vozes, 1998 [3. ed. rev. e aperf. São Paulo: Global, 2005].

_____. *Dicionário de tupi antigo*: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de livre-docência, 2006.

_____. *Currículo Lattes*. Disponível em:

<http://lattes.cnpq.br/4076981549961926>. Acesso em: 10 nov. 2009, 11:24:37 e em: 16 mar. 2011, 11:55:10.

NOGUEIRA, B. C. d'A. O dialogo de Lery. *Ensaio de Sciencia*, Rio de Janeiro, Brown & Evaristo, v. 2, p. 1-132, jul. 1876 [5. ed. francesa].

PRIMEIRAS Letras: Cantos de Anchieta, O Dialogo de João de Léry, Trovas indígenas. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1923.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Hamburg: Universität Hamburg. Tese de Doutorado, 1959.

_____. *Estrutura do tupinambá*. Inédito, [1981].

RUIZ DE MONTROYA, Antonio. *Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi*. Nueva edicion: mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tipo diferente. En dos partes: I. Vocabulario español-guaraní (ó tupí). [1640.] II. Tesoro guarani (ó tupi)-español. [1639.] Viena: Faesy y Frick, Paris: Maisonneuve. 1876 [1639-1640], [ed. Francisco Adolfo de Varnhagen.]

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. Introdução e notas do Prof. Frederico G. Edelweiss. São Paulo: Nacional, 1987 [1901].

_____. As cartas tupis dos Camarões. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. 12, n. 68, p. 281-305, jun. 1906.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Notícia do Brasil*. Comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo: Revista dos Tribunais, [Brasília]: Ministério da Educação e Cultura, 1974 [1851].

SOUTO MAIOR, Pedro. Fastos pernambucanos. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 75, n. 1, p. 259-504, 1912.

TUFFANI, Eduardo. *Vitrúvio e a formação do arquiteto*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 1991.

_____. *Estudos vitruvianos*. São Paulo: HVF Representações, 1993.

_____. Introdução ao tupi. *Confluência*, Assis, Universidade Estadual Paulista, v. 1, n. 2, p. 97-108, 1994.

_____. Revisão de um compêndio de tupi antigo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, ano 15, n. 43, p. 168-174, jan./abr. 2009.

VOCABULARIO na lingua brasilica. Manuscrito português-tupí do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

VOCABULARIO na língua brasilica. 2. ed. rev. e confrontada com o Ms. fg., 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drumond. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1952-1953, 2 v.